

Manifesto de Lançamento da Chapa

Falta Axé no PT

“Um Mundo Sem Racismo é Possível”

I – Um Mundo sem Racismo é Possível

01. No mundo todo o racismo se acentua, agravando ainda mais a situação dos negros e negras, em África e na Diáspora. A globalização apresenta uma reengenharia que elimina postos de trabalho, acelerando o processo de exclusão do povo negro, que não tem acesso à qualificação técnica para a disputa por uma vaga e historicamente ficou a margem de todo desenvolvimento proporcionado pelo capitalismo. O imperialismo americano, através da mundialização da economia em seu estágio mais avançado, desenvolve uma política de extermínio, acirrando o processo de destruição de países periféricos e do continente africano, coberto por guerras étnicas em consequência de todo um processo de colonização e concentrando 75% de toda a população portadora do vírus HIV do planeta.

02. Os interesses do grande capital colocam a vida de milhões de africanos em segundo plano, em uma escala de prioridades onde o lucro é o principal objetivo. Com isto, os países africanos travam uma disputa com os grandes laboratórios, que fazem uso de suas patentes para impedir a fabricação de remédios genéricos a preços infinitamente inferiores e acessíveis a população infectada pelo vírus HIV. Sabemos que o poder das grandes corporações transnacionais e dos grandes organismos internacionais por elas controlados estão no centro das maiores tragédias que inserem o continente africano, berço da humanidade, em um mar de miséria e penúria. Porém, é o racismo, dentro da lógica do capital, que coloca a África no esquecimento (inclusive no interior de partidos e movimentos sociais) e faz com que as vítimas do terrorismo nos EUA sensibilizem mais o mundo do que as vítimas que morrem na África todos os dias, em decorrência de uma forma de terror ainda mais cruel e mortal.

03. Persiste, ainda mais agravado, o quadro mais geral de incerteza e instabilidade que tem marcado o capitalismo neste período em que a especulação comanda e condiciona o processo de acumulação, através de mecanismos amplamente desregulamentados e mundializados. Neste cenário, o questionamento aos dogmas do neoliberalismo vai sendo “arrastado” da propaganda dos partidos de esquerda, da vanguarda dos movimentos sociais, dos debates nas universidades, dos cadernos especializados, dos grandes jornais e revistas para o terreno da contestação mais ampla. As rebeliões populares no Equador, nas manifestações contra a OMC em Seattle, nas batalhas de Washington, de Praga, Quebec e Davos (Suíça), na Marcha Mundial de Mulheres, na Marcha dos Indígenas organizada pelo EZLN, no retorno da Intifada na Palestina contra o governo sionista de Ariel Sharon, nas manifestações na Coreia, nos vigorosos protestos contra o ALCA em Buenos Aires ou em Quebec, nas manifestações em Gênova e na realização, em Porto Alegre, do Fórum Social Mundial, postulando sem significativa ambigüidade a possibilidade da construção de um “outro” mundo são bem o retrato da conjuntura atual.

04. Na América Latina, como vimos, essa é uma conjuntura que, além dos elementos acima, coloca na ordem do dia a necessidade de um intenso esforço de esclarecimento e agitação, bem como de organização de mobilizações contra três manifestações centrais do imperialismo: a dívida externa, a ALCA e o Plano Colômbia, combinados com a defesa de uma real integração dos povos da

América. A este movimento geral impõe-se articular outros movimentos de caráter contra-ofensivo: a luta pela libertação de Múmia Abu- Jamal, participar da Marcha ao Muro da Vergonha e da Morte na fronteira do México com os Estados Unidos e do III Encontro pela Humanidade contra o Neoliberalismo que ocorrerá em Cuba no mês de novembro.

05. É um momento novo também, pela presença e/ou visibilidade de novos agentes políticos, cabendo ressaltar a realização da “III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas”, que representou uma oportunidade histórica de formular e efetivar políticas com a intervenção de negros e negras de diversos países, desnudando perante o mundo o quadro produzido pelo racismo, através de práticas discriminatórias produzidas em séculos de colonialismo e imperialismo. Mais emblemática que a saída de Israel, a saída dos EUA da conferência torna óbvio e evidente o desejo norte-americano de retaliar qualquer possibilidade de discussão e admissão de sua política imperialista excludente, que não é recente, negando qualquer possibilidade de reparação ou qualquer medida política que possa conter em si ou em seus desdobramentos um prejuízo financeiro e moral para o grande capital. Desnuda também a face de total intolerância do campo político mais reacionário dos EUA, representado hoje na figura do presidente Bush, que para além da imobilidade da Europa na Conferência, se recusou a participar do processo de discussão.

O Novo Cenário Internacional: A Crise do Neocolonialismo

06. Parece fora de dúvida que o 11 de setembro, ano I, século XXI, dia do atentado contra o auto denominado Centro Comercial Mundial e o Pentágono, nos Estados Unidos, bem pode se configurar como uma data relevante deste novo século. Todavia, qualquer que seja o significado que a história venha lhe conferir, ele já recolocou a questão do terrorismo no centro do debate político contemporâneo.

07. Muito já se mencionou sobre o inesperado, o simbolismo dos alvos buscados e atingidos (a expressão do poder econômico e militar do coração do imperialismo), a aberrante instrumentalização de aeronaves comerciais com passageiros para a realização das ações, a enorme tragédia que matou milhares de civis (parcela ponderável era constituída de trabalhadores empregados em restaurantes e nos diversos estabelecimentos de prestação de serviços e de comércio localizados nas chamadas Torres Gêmeas, bombeiros, entre outras categorias) e o conteúdo de espetáculo comercialmente explorável que os atos inevitavelmente assumiram nestes tempos de protagonista das comunicações instantâneas de massa. Todos são aspectos relevantes do quadro de barbárie produzido pelo capitalismo; mas, estes atos, pelo impacto mundial que provocaram, pelos prejuízos e conseqüências econômicas, financeiras, morais e bélicas que ensejaram, exigem um posicionamento formal e uma atitude prática de todos os sujeitos políticos envolvidos, especialmente dos agrupamentos partidários.

08. Isto é tanto mais urgente quanto já vai se compondo o cenário de reação imperialista, em que o governo Bush, com a cumplicidade rastejante dos governos do G-8, da chamada Comunidade Européia e da América Latina, tendo o Brasil à frente, anuncia e prepara a vingança, passando por cima das leis e acordos que conformam o chamado direito internacional.

09. É evidente que o imperialismo, pretextando o combate ao terrorismo internacional, afia as garras para submeter os povos do mundo a uma escalada militar de alcance imprevisível. Escalada esta que tem vários objetivos: tentar recompor no imaginário dos povos a condição (arranhada pelas operações terroristas) dos EUA como polícia neocolonial do planeta, além de por em prática o keynesianismo militar como busca de saída para crise do capitalismo, via investimentos maciços na indústria da morte e do terror.

10. Como consequência inevitável, os últimos capítulos da mudança no cenário internacional irão sem dúvida fortalecer o racismo contra árabes, mulçumanos e imigrantes. A crise do desemprego na Europa, que propiciou solo fértil para o florescimento de novas formas de facismo, são mais do que nunca um exemplo de que basta uma crise surgir, para fazer aflorar o racismo que às vezes fica incubado, mas que é uma prática a qual a humanidade freqüentemente recorre. Este momento serve para nós negros como referência para uma reflexão, somando com nossa trajetória no Brasil, na África e na diáspora, através de séculos de uma história de opressão que insiste em existir até os dias atuais, estabelecendo o alicerce sob o qual se construirá nossa intervenção dentro do Partido dos Trabalhadores, nos movimentos sociais, bem como nossa elaboração para o Programa de Governo petista de 2002.

11. O posicionamento do PT foi, num primeiro momento, o de considerar o terrorismo um crime hediondo e de solidariedade às vítimas e aos norte-americanos. Ademais, em geral, passou-se ao largo de qualquer responsabilização ao imperialismo ou mesmo de eventuais menções a atitude das forças dirigentes dos EUA, ontem e hoje como centro propulsor do terror no mundo. Agora, ante o clima de histeria reacionária e belicista que o governo e a mídia do EUA tentam instaurar no mundo, esses setores migram para um posicionamento que reproduz um certo pacifismo gandhiano.

12. As presentes notas, assim, têm duas motivações: sistematizar uma posição capaz de orientar a postura de nossos companheiros e companheiras nos movimentos sociais, na institucionalidade e na sociedade em geral, na condição de socialistas e revolucionários e revolucionárias que reivindicamos e também marcar uma diferenciação político-ideológica frente a uma conduta que se limita a condenação em geral do terrorismo político, entendido na acepção ultra-restritiva de ataque a civis ou a inocentes, esquecendo, sintomaticamente, que o terror tem sido a crônica cotidiana do imperialismo, especialmente o que é promovido pelos EUA.

13. Faz-se necessário, portanto, algumas reafirmações: nossa condenação a todas as práticas de terror das classes dirigentes no mundo, bem como nossa solidariedade ao povo dos EUA, a atualidade da luta pelo socialismo como sociabilidade antagônica aquela instaurada pela batuta do capital, além da convicção de que a materialização de tal sociedade não decorre de um simples acúmulo de reformas parciais, mas, diferentemente e sem prejuízo da necessária e permanente disputa por tais medidas, o socialismo é um estágio de organização da sociedade que requer uma revolução social, processo que envolve um momento de ruptura global da ordem existente (a do capital) e que supõe a ocorrência de conflitos sociais em que a força e mesmo a violência dos debaixo há que se fazer presente como forma de neutralizar e vencer a reação violenta e o terror praticados pelos de cima e, assim, abrir caminho no sentido de concretizar o anseio de auto-emancipação de trabalhadores e trabalhadoras e do povo. Trabalhar na institucionalidade e nos movimentos sociais a fim de impedir que qualquer parcela do patrimônio público seja utilizada em apoio ao esforço bélico imperialista, manter a atualidade de nossa luta em defesa da soberania nacional e continuar realizando a denúncia sistemática do governo como subserviente e anti-nacional, acumulando para o aprofundamento do seu desgaste e para que os movimentos sociais se fortaleçam numa luta anti-imperialista, anti-latifundiária e anti-capitalista, e acima de tudo, anti-sexista e anti-racista.

II – Um Novo Brasil é Urgente

14. Vivemos na maior nação negra fora da África, que assistiu mais de 5 milhões de africanos serem escravizados (cerca de 40% do total de negros arrancados da África pelo tráfico escravista).

Conforme nos mostra o Índice de Desenvolvimento Humano, as condições de vida dos negros no Brasil hoje não difere da África. Ganhamos os piores salários, somos os primeiros a sermos demitidos, os livros escolares não contam nossa história, nossa juventude sofre em decorrência da violência policial, as mulheres negras sofrem uma tríplice opressão... Porém, temos uma história de resistência neste país, simbolizada na luta de Dandara, de Zumbi dos Palmares e outras(os) grandes líderes revolucionárias(os).

15. A marcha a Brasília em comemoração ao tri-centenário da morte de Zumbi pautou na ordem do dia o debate sobre o racismo no Brasil e a conseqüente divisão racial do trabalho, obrigando Fernando Henrique a dar uma resposta perante a sociedade, trazendo a tona o debate sobre a possibilidade da existência de políticas de ações afirmativas no país durante o seu governo, o que na prática não se concretizou.

16. Atualmente, o governo FHC fecha um ciclo de 8 anos de submissão ao FMI e ao Banco Mundial. A maneira com que o governo tucano encara a questão racial no Brasil explicitou-se durante as comemorações dos “500 anos”, onde os negros enfrentaram, ao lado de outros setores do movimento social, bombas e tiros da polícia de FHC e ACM em Porto Seguro. Por outro lado, a violência deixou um saldo negativo para o governo, através de imagens como a do companheiro Edmilton sendo arrastado pelos dreads (tranças rastafari), que rodaram o mundo e sensibilizaram a opinião pública, a ponto de FHC transferir uma Pré-Conferência que aconteceria no Brasil para o Chile, temendo novas manifestações e o impacto que elas poderiam ter para o país.(estou propondo a mudança deste parágrafo).

17. A luta dos outros 500 contraposta às comemorações oficiais do quinto centenário da invasão colonialista destas terras ensejou a revitalização de um movimento que precisa ser permanente e elemento central a atravessar toda a luta socialista em nosso país: trata-se do processo de resgate da identidade do povo brasileiro; De nossa história secular de luta, de nossa multiplicidade étnica, da diferença de gênero, da diversidade de orientação sexual; Da resistência indígena ao colonialismo e ao genocídio impulsionado pela sanha capitalista; da luta negra contra a escravatura e a lógica do capital que opera para eternizar as mulheres negras como exército industrial de reserva para manter os salários sempre comprimidos e uma legião de subgente desprovida de história e de auto-estima; Da luta das mulheres contra a opressão e a violência sexista; Do combate contra todas as formas de preconceitos.

18. Mais do que nunca, em um clima pós-conferência no qual se insere o Brasil hoje, o debate acerca das reparações será inevitável, trazendo consigo a discussão sobre cotas nas universidades e outras possíveis medidas por parte do governo federal. Devemos ultrapassar as disputas que marcaram o movimento negro brasileiro no processo de pré-conferência e aprofundar ainda mais o nosso debate.

III – O Socialismo e a Aliança entre os Sujeitos Sociais Oprimidos

19. O mundo hoje está entrelaçado por diversas relações de poder. Vivemos frente a contradições variadas, e somente a construção do socialismo pode unificar a nossa atuação contra toda e qualquer forma de opressão. Deste modo, mudamos o foco de nossa luta de maneira a destruir não somente aquilo que nos oprime particularmente, mas a própria idéia de opressão, em todas as suas faces distintas. É preciso descortinar os caminhos para uma revolução concreta, compreender a nossa história e o nosso modo de ser. Extrair dos episódios de resistência do nosso povo, lições de

rebeldia, de coragem, de organização, de formas de luta capazes de iluminar e inspirar os combates que travamos na contemporaneidade.

20. Em nosso entendimento, o socialismo deve necessariamente ir para muito além de uma distribuição igualitária de riquezas ou o fim da propriedade privada: sem o fim de toda e qualquer forma de opressão nunca haverá socialismo de fato.

21. A luta daqueles que são humanamente diferentes, devido a sua orientação sexual, seu sexo, sua opção religiosa, sua geração, sua classe, necessidade especial ou sua raça, deve se articular em torno de um objetivo comum: sermos socialmente iguais e livres, respeitadas nossas diferenças.

IV – Falta Axé na Política Petista

22. A Secretaria Nacional de Combate ao Racismo do PT é fruto de intensas lutas das negras e dos negros no interior do Partido dos Trabalhadores. Foi no 6º Encontro Nacional de Negras e Negros do PT que a tese *Falta Axé na Política Petista* foi apresentada pela chapa “*Falta Axé no PT*”, trazendo uma reflexão sobre os rumos que o PT estaria tomando naquele momento, questionando seus valores eurocêntricos através da reconstrução de nossa africanidade.

23. Nós, negras e negros no interior do PT, somos militantes de 1ª hora deste partido, e mesmo não possuindo uma forte presença nos espaços de direção (que expresse a composição étnica e racial de sua base), nunca nos abstivemos de nosso papel na construção do partido desde sua fundação até os dias atuais.

24. Hoje, após a experiência de mais uma gestão e profundas mudanças no interior do partido, mudanças estas que mostram um inegável e grave quadro de descaracterização, o momento é oportuno para nossa reflexão. Um avanço muito expressivo neste curso regressivo se caracteriza na mudança dos estatutos recém aprovada. É uma mudança que objetiva aprofundar e garantir uma correlação de forças internas sempre favorável ao chamado campo majoritário, virtualmente eliminando a imprevisibilidade inerente a qualquer disputa democrática dos rumos partidários. O partido que quer se moldar com semelhante mudança é ente funcional ao predomínio dos notáveis, a esterilização da ação política enquanto militância. É um partido que em termos práticos, tem como referência o socialismo no sentido de uma mera evocação sem qualquer incidência no cotidiano da ação prática. É um partido cujo máximo horizonte estratégico é ser governo no plano federal, em lugar de meio para a luta pela conquista do poder, para a luta pela hegemonia na correlação de forças com a burguesia. É um partido onde as instâncias coletivas de formulação e definição política - diretórios, executivas e setoriais - vão cada vez mais assumindo um sentido meramente ritualístico.

25. A imposição, através do PED e do novo regulamento eleitoral, de uma nova dinâmica, alterou profundamente a composição eleitoral dos encontros setoriais. Um novo quorum, um novo critério numérico para tiragem de delegados nos foi empurrado garganta abaixo, sem prévia discussão com os coletivos dos setoriais. Os Encontros Setoriais Estaduais se despolarizaram ainda mais, acontecendo com urna aberta o dia todo e sem debate, baseados em esquemas de transporte e votos itinerantes, de pessoas que votaram em todos os setoriais somente para garantir a disputa pelo aparelho. O fato de não haver um critério para tiragem de delegados nas Secretarias Municipais proporcionou uma distorção jamais vista, com um reflexo na correlação de forças que não expressa a realidade, tendo conseqüências também a nível nacional. Somente no estado de São Paulo votaram praticamente 400 pessoas, sendo que apenas 4 cidades possuem Secretarias Municipais

organizadas.

26. Frente a tal realidade, não há lugar para desânimos ou rendições. Impõe-se para nós a luta para manter a defesa daquilo que é uma das mais altas realizações políticas (obviamente, obra coletiva e não propriedade de alguns), construída ao longo de toda nossa história: o PT. Trata-se de um combate pelo resgate de um projeto de partido funcional à luta pelo socialismo, democrático e de massas que continue a ser um espaço de aglutinação de militantes, que mantenha o compromisso com uma prática política e ideológica antagônica à chamada globalização e vinculada à luta socialista. Nosso partido é um partido especial na América Latina e no mundo onde é patente a perda de prestígio dos partidos perante o ativismo político e social que emerge nos combates contra o neoliberalismo e a globalização: ele persiste como referência partidária para parcelas crescentes de nosso povo.

27. É preciso que tiremos algumas lições do sucesso eleitoral obtido pelo PT em 2.000. Nossa vitória nas eleições municipais é o reconhecimento pela população de nossa capacidade de administrar e de nosso compromisso com a ética, mas para além disto, retratam uma sede de mudança, um voto acima de tudo na oposição. O governo FHC, neste final de mandato, se configura, aos olhos do povo, como um governo de recessão e desemprego, de incompetência evidenciada com a crise energética, e o PT é o único partido político com legitimidade para dar voz ao inconformismo e se firmar como uma alternativa nas eleições de 2002.

28. Quando afirmamos que “Falta Axé na Política Petista”, estamos denunciando a crise que vive hoje sua direção. O Axé é uma construção coletiva, baseada em princípios comunitários, e é um contraponto, uma forma de denunciarmos a contradição de um partido que se constrói hoje através de princípios anti-democráticos, personalistas e individualistas. Um PT com Axé é um PT socialista e democrático, e não um partido de notáveis.

29. Neste sentido, discordamos da forma como foi discutido o Plano Econômico do Instituto Cidadania (vendido pela mídia como plano do PT), que o Diretório Nacional só conheceu via imprensa burguesa, em um processo em que o Instituto Cidadania substituiu nossos espaços de direção e debate interno partidário. Isto posto, declaramos também que o Plano Econômico do Instituto Cidadania está na contra-mão dos anseios do país, estando longe de representar a busca pela mudança que o PT pode e deve encabeçar. Não acreditamos na busca desenfreada pela moderação, muito menos em mudanças sem enfrentamentos, ainda mais quando a pesquisa da CNI divulgada pela revista Veja nos aponta que 78% da população acredita que o estado precisa Ter maior presença na economia, 49% acham que o Brasil deve estatizar empresas estratégicas e 55% acham que o país precisa de uma revolução socialista para resolver os seus problemas.

Organização Interna: Inserindo Axé na Política Petista

30. É neste quadro que estamos apresentando nossa chapa para a militância anti-racismo do PT. Esta chapa nasce do acúmulo adquirido através de nossa trajetória de contribuição e reflexão para com este setorial.

31. Sonhamos com um partido que respeite as diferenças, que aglutine em suas fileiras as mulheres negras e a juventude negra. Somos pelo enfrentamento com o governo FHC, desnudando toda uma política racista e estabelecendo as bases que vão tornar nossa campanha vitoriosa em 2002. Propomos um debate internacionalista no PT, estabelecendo uma política de amplo apoio e relação com o continente africano e a América Latina.

32. Somos a favor da luta pela reconstrução e revitalização dos espaços de debate interno no

partido, que após o estrangulamento dos núcleos investe sobre os setoriais atualmente. É papel da(o) Secretária(o) de Combate ao Racismo pautar nossas bandeiras na direção nacional do partido, para que o PT afirme o seu compromisso com a luta anti-racismo no Brasil e no mundo.

33. O campo **“Falta Axé no PT”** esteve historicamente a frente de uma oposição contra toda uma concepção equivocada de construção da Secretaria de Combate ao Racismo, hegemônica desde sua fundação no interior do PT, que joga um peso excessivamente grande na figura do atual Secretário. Acreditamos que a última gestão não esteve a altura de nossos desafios, e que a construção de nosso setorial só se efetivará através de um colegiado forte e atuante, responsável pela nossa direção, articulação e organização, ao qual as ações da(o) Secretária(o) estarão subordinadas.

34. Entendemos que o papel da Secretaria de Combate ao Racismo é o de organizar e inserir a militância anti-racismo nos movimentos sociais, mobilizando para campanhas como a dos “Outros 500” e o debate acerca da Conferência da África do Sul, que passaram batidas pela falta de política da última gestão. Cabe também a Secretaria cobrar do partido como um todo, e de sua direção, um posicionamento e uma real inserção nestas campanhas.

35. O momento eleitoral que se aproxima vai nos colocar novamente frente a outra campanha pelo voto racial, que deve sair do planejamento e ir para as ruas, ao contrário do que aconteceu em 2000 com a campanha “Um voto com Raça e com Classe”.

36. A nova direção que assume os rumos da Secretaria a partir deste 7º Encontro deve priorizar este espaço tendo consciência de suas responsabilidades. Reconhecemos o GT - Juventude Negra eleito democraticamente em seu III Seminário no que se refere a sua legitimidade e autonomia política, assim como cabe a SNCR apoiar e subsidiar, fornecendo estrutura e condições materiais para que a Juventude Negra continue a produzir, proporcionando sua emancipação política, conforme atuação que se destacou na última gestão. É nossa responsabilidade cuidar para que o movimento hip hop entre na campanha 2002 de maneira mais qualificada do que em 98, através da construção de uma plataforma de políticas públicas, construída de maneira democrática pelo próprio movimento. Cabe também a nova direção a tarefa política de rearticulação da discussão de gênero com corte racial, através de elaboração a ser formulada pelas mulheres negras.

37. Propomos a nova gestão da SNCR um debate sobre nossa organização, que atualmente está extremamente fragilizada, atualizando nossa página na Internet, resgatando e publicando novos documentos, elaborações antigas e resoluções de encontros, articulando um boletim informativo periódico, enfim, dando organicidade a sua política de formação e conscientização da base.

38. Somente a organização da SNCR pode reaproximá-la de setores que se distanciaram, como os parlamentares negros, restabelecendo um diálogo que deve ser contínuo. É importante também impulsionar a criação de novas Secretarias Municipais e Estaduais, bem como restabelecer o contato com as que já existem.

39. Nossa direção deve acompanhar politicamente a agenda nacional do movimento negro, marcando presença e intervindo em espaços como o Fórum Social Mundial no início de 2002. É imprescindível também a inserção em campanhas como a de libertação de Mumia Abu Jamal e a do feriado nacional de 20 de Novembro em homenagem a Zumbi dos Palmares, que o movimento hip hop vem construindo e o feriado já existe em alguns locais.

40. É nosso também o papel de construir, democraticamente e com ampla participação da base, no decorrer do ano de 2002, nossas especificidades no programa de governo, sabendo que somente nossa inserção real nos movimentos sociais proporcionará forte embasamento para a construção deste programa.

41. A oposição em relação à ALCA deve vir acompanhada de uma proposta de relação bi-polar com o continente africano, aproximando-o do Brasil e estabelecendo relações políticas, diplomáticas, econômicas e culturais. Devemos também estabelecer um enfrentamento com o governo FHC e qualquer órgão ou iniciativa que vise esconder as desigualdades raciais existente no país, como é o caso da Fundação Palmares.

42. Acreditamos em um Partido dos Trabalhadores de massas, democrático, militante, plural e combativo, que tenha o socialismo como um horizonte estratégico, que se faça presente também nos terreiros de candomblé, nas rodas de break, de capoeira, de samba ou de funk, nos shows de rap, enfim, nos espaços onde as negras e os negros articularam historicamente sua resistência, através do ideal de que **“um mundo sem racismo é possível”**.

Assinam esta tese negras e negros que acreditam que um Brasil sem racismo é possível e propõem construção de uma Secretaria Nacional de Combate ao Racismo democrática, forte, militante e combativa.